



O LEITOR UBÍQUO FRENTE À EXCLUSÃO DIGITAL

Adrielly Carine da Cruz Almeida (PPGEL/UFMT) – a.carine.calmeida@gmail.com

Prof^a. Dr^a. Flávia Girardo Botelho Borges (PPGEL/UFMT) – flavia.borges@ufmt.br

GT 1: Culturas escolares e linguagens

Resumo:

Atualmente, estudos sobre o comportamento dos usuários de sistemas tecnológicos digitais tem sido motivo de estudo em várias áreas das ciências. Na área das linguagens, o debate acerca da construção do leitor ubíquo e de suas principais características cognitivas é colocada em evidência, visto que ele surge a partir de contextos tecnológicos específicos. Ao considerar que o Brasil, por ser um país desigual, também possui dados que mostram a desigualdade em relação ao acesso à tecnologia, este artigo procura fazer uma reflexão acerca desse leitor dentro de contextos de exclusão digital. Para isso, foram utilizados como principais fontes de pesquisa Santaella (2014), Latorre (2018), Rettenmaier e Ebert (2017) e Marcon (2020).

Palavras-chave: Leitor ubíquo, Exclusão digital; Acesso à tecnologia.

1 Introdução

Com o surgimento e o desenvolvimento de novas tecnologias, o ser humano viu a necessidade de se adaptar. Antes, suas necessidades se mostravam fixas e ele poderia partir de sua apreciação, principalmente em relação ao tato enquanto sentido sensorial, para se guiar. Com o tempo e com os desenvolvimentos sociais causados por uma série de eventos que culminaram em sua movimentação e locomoção pelos mais diversos espaços, ele procurou se adaptar e, em conjunto, sinais foram oferecidos para que ele pudesse viver em conjunto e harmonia em meio, principalmente, às cidades.

A partir do momento em que a internet e seu acesso foram expandidos para além do espaço físico, várias mudanças aconteceram, processo que evoluiu ainda mais quando seus usuários começaram a desenvolver habilidades para transitar tanto entre ambientes físicos quanto em ambientes virtuais. Nessa lógica, apesar da iminência desse acesso, que permitiu conexões que jamais poderiam ser feitas em outros contextos históricos em decorrência da falta de fatores e possibilidades existentes hoje, o sujeito que está na internet ainda tem o acesso limitado a tudo aquilo que ela pode oferecer.

Tal acesso, ou a falta dele, ao impedir que o sujeito atual, em meio à sua ubiquidade, conceito que será trabalhando ao longo deste artigo, o insere dentro de um processo de exclusão digital, visto que, apesar da disposição dos sistemas computadorizados, ele continua preso em um meio limitador. Por isso, nas próximas seções, serão discutidas as

classificações sobre os tipos de leitores e como, apesar dos grandes avanços tecnológicos, o processo de exclusão no que diz respeito ao acesso digital, ainda pode ser observado.

2 Os três tipos de leitores

A partir da necessidade de compreensão dos tipos de leitores existentes, Santaella (2014) discorre sobre os grandes tipos de leitores que se desenvolveram conforme a movimentação da sociedade e as novas invenções e adaptações das tecnologias: o contemplativo, o movente e o imersivo.

O leitor contemplativo é um perfil que se tornou predominante a partir do século XVI na idade pré-industrial e tem como base a leitora silenciosa, que é feita de forma individual. Este leitor, que se relaciona intimamente com seu livro, segundo Santaella (2014), faz uma leitura “essencialmente contemplativa, concentrada, que pode ser suspensa imaginativamente para a meditação e que privilegia processos de pensamento caracterizados pela abstração e a conceitualização” (SANTAELLA, 2014, p. 29-30).

Sua leitura é feita a partir do papel, que está ao alcance do toque e que pode ser revisitado várias vezes e, de acordo com Santaella (2014), “esse tipo de leitor tem diante de si objetos e signos duráveis, imóveis, localizáveis, manuseáveis: livros, pinturas, gravuras, mapas, partituras. “(SANTAELLA, 2014, p.30). O leitor, quando contemplativo, constrói seu processo de leitura a partir de sua própria curiosidade e sede de conhecimento.

O leitor movente é conduzido pela modernidade, que veio acompanhada da explosão demográfica, da aceleração capitalista e do surgimento das metrópoles e corresponde à fragmentação que é feita pela velocidade e pela instabilidade, decorrentes do excesso de estímulos. Este leitor se ajustou aos novos ritmos que começaram a determinar sua existência em meio à sociedade para que suas leituras pudessem ser feitas a partir de linguagens cheias de hibridismo, efemeridade e misturas. Com o acesso à linguagem híbrida do jornal, que mistura fotos e textos escritos e aos diversos sinais que as cidades se transformando em centros urbanos, o leitor movente acompanha o movimento do mundo, se movendo junto com ele enquanto acompanha seu ritmo.

Já o leitor imersivo, segundo Santaella (2014) foi preparado pelo leitor movente, porque foi necessário que as habilidades de leitura em movimento fossem desenvolvidas para que, enfim, a imersão na leitura pudesse ocorrer, uma vez que ele se orienta por meio de telas e programas de leitura. Segundo a autora,

esse leitor conecta-se entre nós e nexos, seguindo roteiros multilineares, multisequenciais e labirínticos que ele próprio ajuda a construir ao interagir com os nós que transitam entre textos, imagens, documentação, músicas vídeo etc. (SANTAELLA, 2014, p. 31)

O surgimento de um novo tipo de leitor de maneira alguma impede a existência ou favorece o desaparecimento de outro, visto que eles podem coexistir juntos, complementando e completando um ao outro. No entanto, com os avanços tecnológicos e com a cultura digital, Santaella (2014) aponta o surgimento do leitor ubíquo, termo que já é presente em estudos sobre culturas digitais.

3 O leitor ubíquo

Para que o leitor ubíquo possa ser compreendido, é necessário que, primeiro, seja contextualizado o processo permitiu seu surgimento. Nesse sentido, assim como a internet possibilitou a emergência do leitor imersivo, ela também é uma das responsáveis pela existência desse quarto leitor.

A Web 1.0, que surgiu a partir do ponto em que os computadores deixaram de ser dispositivos de arquivamento e começaram a ser utilizados com o propósito de conexão global, segundo Latorre (2018), permitia a existência de um sujeito passivo que recebia informações públicas sem que ele pudesse interagir com o conteúdo presente na página, que era limitada àquilo que seus administradores permitiam que fosse exposto para seus usuários.

Já a Web 2.0, que abandonou o lado estático e centralizado da Web 1.0, dispôs de uma série de serviços, tais como os blogs, chats de conversa e até mesmo as primeiras redes sociais, e fomentou a troca de informações entre os usuários ao ser desenvolvida de forma que as interações pudessem ser feitas e tanto a leitura quanto a escrita pudessem existir juntas dentro dos espaços virtuais.

A Web 3.0, conforme Latorre (2018), foi citada pela primeira vez em 2006 em um artigo de Jeffrey Zeldman, crítico da Web 2.0. Essa nova geração contou com a conexão feita a partir de aplicativos, que enriqueceram ainda mais a experiência de seus usuários e deram mais autonomia a eles. Ainda, segundo o autor, a Web 3.0 é associada ao conceito de personalização, uma vez que ela oferece um fluxo de informações e conteúdos que são adaptados de acordo com os gostos e preferências de usuários a partir de sua própria atividade na internet, que é registrada a partir de seus rastros virtuais.

Para que esses processos se tornassem possíveis, a Web 3.0 se expandiu o quanto pode, de forma que suas buscas fossem feitas de forma mais natural e versátil e o acesso

fosse feito em um tempo menor e com informações relevantes, fator que também possibilitou a chegada de Web 4.0. Além disso, ela possibilitou o desfrute das informações e ferramentas da internet sem que o aparato tecnológico utilizado fosse um empecilho, o que também garantiu a flexibilidade da superação dos obstáculos de formatos e estruturas.

Em decorrência de grandes empresas como Microsoft, Google e Facebook, novos sistemas operacionais foram desenvolvidos e aperfeiçoados, o que tornou o processamento de informação similar ao trabalho feito pelo cérebro humano. Assistentes de voz que entendem com precisão solicitações feitas e bots, que são programas interativos, tornaram o acesso às tecnologias ainda mais completo e personalizado.

Com a hipermobilidade propiciada pelo espaço digital, surge o leitor ubíquo que, segundo Santaella (2014), trouxe “um perfil cognitivo inédito que nasce do cruzamento e mistura das características do leitor movente com o leitor imersivo” (SANTAELLA, 2014, p. 34). Sua ubiquidade, termo que foi apropriado do campo da comunicação, indica as relações entre a computação pervasiva, que se refere à distribuição dos meios computacionais pelos ambientes e objetos, e a móvel, aquela que permite o deslocamento de um objeto computacional sem que a internet seja desconectada e sem o encerramento dos serviços em processo.

Santaella (2014) afirma que a computação ubíqua “envolve a integração da mobilidade com os sistemas de presença distribuída” (SANTAELLA, 2014, p. 35) e ainda completa ao afirmar que

a ubiquidade se refere a sistemas computacionais de pequeno porte, e até mesmo invisíveis, que se fazem presentes nos ambientes e que podem ser transportados de um lugar para o outro. (SANTAELLA, 2014, p. 35)

Nesse sentido, a ubiquidade só se revela uma possibilidade porque a Web 4.0, em conjunto e em decorrência com os avanços tecnológicos, principalmente os digitais, possibilitou o surgimento desse tipo de leitor, que está rodeado de sistemas computacionais diversos, que permitem que ele esteja presente fisicamente ao se movimentar por seus espaços físicos, mas que também permitem que ele viva sua vida dentro de espaços virtuais, estabelecendo conexões com suas comunidades virtuais, interagindo com sistemas digitais e navegando em um meio digital totalmente personalizado para atender suas principais demandas.

A possibilidade de se fazer presente em qualquer tempo e lugar escolhido pelo leitor ubíquo o caracteriza enquanto tal e o coloca em uma nova condição de leitura e cognição

que os outros tipos de leitores, antes, não tiveram acesso. Ao relacionar o leitor movente e o leitor imersivo, Santaella (2014) aponta:

Do leitor movente, o leitor ubíquo herdou a capacidade de ler e transitar entre formas, volumes, massas, interações de forças, movimentos, direções, traços, cores, luzes que se acendem e se apagam, enfim esse leitor cujo organismo mudou de marcha, sincronizando-se ao nomadismo próprio da aceleração e burburinho do mundo no qual circula em carros, transportes coletivos e velozmente a pé. (SANTAELLA, 2014, p. 35)

Se a principal característica do leitor movente é justamente seu poder de compreensão e leitura do mundo enquanto se move pelos espaços em que habita, o leitor ubíquo faz o mesmo ao se sincronizar constantemente com todos os sinais — majoritariamente digitais, principal característica que o diferencia do leitor movente que surgiu junto com os grandes centros urbanos e com o crescimento populacional — dos ambientes onde transita com sua própria vida. Além disso,

[...] esse leitor movente, sem necessidade de mudar de marcha ou de lugar, é também um leitor imersivo. Ao leve toque do seu dedo no celular, em quaisquer circunstâncias, ele pode penetrar no ciberespaço informacional, assim como pode conversar silenciosamente com alguém ou com um grupo de pessoas a vinte centímetros ou a continentes de distância. O que lhe caracteriza é uma prontidão cognitiva ímpar para orientar-se entre nós e nexos multimídia, sem perder o controle da sua presença e do seu entorno no espaço físico em que está situado. (SANTAELLA, 2014, p. 35)

Dessa forma, o leitor, a partir do menor contato com um sistema computacional, por menor que ele seja, transita entre dois ambientes completamente diferentes sem que seja necessária a mudança de lugar. Para que isso seja feito, o leitor ubíquo desenvolveu habilidades cognitivas para que sua orientação pudesse ser realizada sem que o controle de sua presença dentro e entre os dois espaços não seja perdida.

Policarpo e Santaella (2018) utilizam o termo “cognição multitarefas” para referir-se à resposta do leitor ubíquo que é dada para os impulsos recebidos pelo ambiente informacional. Para que tal processo ocorra, os olhos do leitor são treinados de forma que eles possam adivinhar as informações antes de realmente lê-las e “as ações reflexas do sistema nervoso central [...] ligam eletricamente o corpo ao ambiente tanto físico quanto ciber [...]” (SANTAELLA, 2014, p.35) da mesma forma e, a partir disso, as fronteiras entre o que é físico e o que é virtual são dissolvidas.

Para Renttenmaier e Ebert (2017), o leitor ubíquo é associado ao homo zappiens, termo atribuído aos nascidos a partir da década de 1980, que já cresceram em meio aos constantes avanços tecnológicos e à conectividade permitida por eles. Esses leitores desenvolveram suas habilidades para que pudessem transitar entre mais diversos espaços, sejam eles físicos ou virtuais, ainda mantendo o controle daquilo que está ao seu redor.

Santaella (2014) frisa que a existência de um leitor não impede a existência de outro, visto que cada um ativa habilidades cognitivas específicas, de modo que um não seja capaz de substituir o outro. No entanto, a frequência do leitor ubíquo pode ser dada de maneira recorrente, uma vez que a tecnologia computacional faz com que ele esteja constantemente rodeado de informações digitais.

Apesar dos grandes avanços tecnológicos, boa parte dos brasileiros enfrenta dificuldades em relação a seu acesso. Nesse sentido, a ubiquidade é alcançada, visto que parte da população nem sequer tem acesso à internet? Para essa discussão, a próxima seção será destinada à discussão sobre cultura digital e exclusão.

4 Exclusão digital em meio ao mundo ubíquo

Rettenmaier e Ebert, ao citarem Santaella (2003), apontam que o surgimento dos aparelhos computacionais possibilitou a transição da cultura de massa para uma cultura ainda mais veloz, instantânea e imediatista, que ampliou a mediação das relações sociais e da autoidentidade. O homem, que antes era um sujeito limitado por seus próprios limites geográficos, hoje pertence a uma sociedade global e seus limites são estabelecidos com base em suas conexões, suas relações de interesse e sua afinidade com os assuntos relacionados ao mundo.

Se seu espaço de comunicação interconectado por sistemas computadorizados é, segundo Lévy (1999) entendido como ciberespaço, a cibercultura é entendida com o fluxo contínuo de ideias, textos, práticas e ações que ocorrem entre as pessoas que estão conectadas por esses sistemas. Sabe-se que só foi possível que ela fosse difundida a partir não só do desenvolvimento das tecnologias, mas também de sua difusão, uma vez que, para que haja conexão, é preciso que haja acesso.

No entanto, quando considerada a inclusão digital no Brasil, alguns fatores devem ser levados em consideração. Apesar do grande número de conteúdo que é oferecido por segundo na internet, o acesso à informação ainda não é um direito garantido por todos. O combate à desinformação e a transparência de dados públicos são apenas alguns dos diversos fatores que fazem com que o sujeito do século XXI, apesar de viver em um mundo ubíquo, não seja totalmente inserido nele.

O leitor ubíquo, como apontado por Santaella (2013), por meio da aprendizagem ubíqua, aquela que possibilita novas formas de aprendizagem mediada por dispositivos móveis, em tese, é um leitor que está em um processo constante de engajamento e

aprendizagem, entretanto, como este processo acontece quando 30% dos domicílios no Brasil não têm acesso à internet? Obviamente, o processo de ubiquidade se dá não apenas por meio da internet, mas também por um conjunto de aparatos tecnológicos digitais, contudo é inegável que o acesso à internet é essencial para que o leitor, enquanto ubíquo, possa continuar com seus processos de intermediação entre seus espaços físicos e seus espaços virtuais.

Para além da utilização desses espaços, é necessário que vivências sejam feitas em meio a ele. Sobre isso, Marcon (2020) afirma:

[...] entendemos que a utilização de tecnologias digitais de rede em situações do cotidiano não implica, necessariamente, em vivências de processos de inclusão digital, tal como compreendemos o referido conceito. Para além do acesso às tecnologias, os sujeitos podem estar vivenciando processos de exclusão digital ou de subutilização das tecnologias em uma perspectiva de consumo, tendo como foco as mídias sociais e os contextos de desinformação e *fake news*. (MARCON, 2020, p. 88-89)

Se, por um lado, a falta de acesso a equipamentos computadorizados é um problema de exclusão digital, quando esses são utilizados apenas com o propósito de navegação em redes sociais, o problema persiste. Ao mesmo tempo em que a possibilidade de comunicação e conexão é expandida, a desinformação também acontece, visto que ela também é facilitada com a praticidade que os sistemas computadorizados oferecem atualmente.

Ainda nessa perspectiva, Marcon (2020) aponta que

Uma forma de exclusão digital, neste contexto, perpassa por essa utilização acrítica e centralizada da informação, em uma perspectiva de consumo nas mídias sociais. Processos de inclusão digital tratam da apropriação crítica das tecnologias, e igualmente devem compreender a leitura crítica da mídia e o confronto da desinformação com a informação. (MARCON, 2020, p. 90)

Assim, compreende-se que a ubiquidade pode ser compartilhada pela parcela da população que tem acesso aos sistemas computadorizados mais básicos, no entanto a utilização desses sistemas deve ser sempre considerada, afinal, se sua utilização não contribui para o acesso à informação, a exclusão digital deve ser tratada como um assunto pertinente e relevante.

A realidade da exclusão se torna um assunto ainda mais pertinente quando levada em consideração a situação passada por um quinto da população brasileira, que não possui acesso à internet. Se em pleno século XXI a chamada Era da Informação é vivida, por quem ela é vivida?

Acerca da inclusão digital e a disponibilidade de acesso à tecnologia, Morais salienta que

O que se discute em relação à inclusão digital é a inserção para além do fornecimento de aparatos tecnológicos à população, mas também a

possibilidade de sua apropriação crítica. Sendo assim, a inclusão e exclusão digital, segundo Levy (1999) interpretado por Dias (2011, p.69), “vai muito além das máquinas e acesso à internet”, para enfatizar-se outros aspectos como alfabetização digital, habilidade de saber pesquisar conteúdos, se comunicar, etc., desse modo, não se trata apenas de entregar as tecnologias, mas de oferecer recursos para o uso das mesmas. (MORAIS. 2020, p. 3)

Nesse sentido, o acesso a esses mecanismos de acesso é um fator primordial para que a inclusão digital aconteça, no entanto de nada vale tal acesso se o sujeito se vê preso às amarras das conexões virtuais limitadas. Para esse processo, Morais (2020) cita o termo “emancipação digital”, processo que parte da construção colaborativa do conhecimento em rede e da promoção da aprendizagem autônoma, para discorrer sobre a importância da inclusão digital.

Ao ser considerado o leitor ubíquo, que tem seu processo de aprendizagem feito de forma autônoma e em movimento, a emancipação digital é um processo empregado em seu cotidiano, uma vez que seu acesso ao mundo digital é feito de modo praticamente instantâneo. No entanto, tal acesso continua sendo possível apenas para aqueles que têm contato com tecnologias que o permitem essa facilitação.

Dessa forma, indagações a respeito da exclusão digital frente à realidade que dispõe cada vez mais de mecanismos que, em teoria, deveriam facilitar a vida do sujeito atuante da sociedade devem ser feitas, uma vez que os modos como essa tecnologia o alcança são diferenciados, podendo ser escassos em decorrência da desigualdade;

7 Considerações finais

O leitor ubíquo é um tipo de leitor que foi classificado a partir de suas necessidades diante dos constantes avanços tecnológicos feitos. Tais avanços fizeram com que ele desenvolvesse habilidades cognitivas que pudessem proporcionar sua transição entre virtual e físico sem que houvessem quebras relacionadas ao fluxo de pensamentos ou a desatenção, visto que, como sujeito da ubiquidade, ele tem a capacidade de manter presença em ambos espaços.

Aqui, é importante sempre frisar que o surgimento desse leitor só foi possível devido à ocorrência de novas tecnologias de sistemas computadorizados. Nesse sentido, debates acerca do acesso que brasileiros têm a esses aparatos é fundamental, uma vez que a desigualdade social é um fator fulcral para que a exclusão digital exista. Por isso, uma vez que o sujeito não tem acesso a determinados aparatos que permitem suas conexões com ambientes virtuais, sua ubiquidade é afetada.

No entanto, para além do contato e da posse de aparelhos que permitam este acesso, é importante também que sejam pensadas as formas que tal acesso é feito, uma vez que a exclusão social engloba não só as noções relacionadas à falta de contato, mas a forma como o contato é feito. Assim, caso o sujeito não tenha alcançado sua emancipação digital, ele estará não só em um processo de exclusão social, movido pela falta de informações e pela disponibilização de fake news, como também em um processo em que sua ubiquidade não será assegurada.

Referências

FOLHA DE S. PAULO. **Por que acesso à informação ainda é um problema global.** [S. l.], 30 set. 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2021/09/por-que-acesso-a-informacao-ainda-e-um-problema-global.shtml>. Acesso em: 30 set. 2021.

IBGE: um quinto dos brasileiros entrou na pandemia sem acesso à internet. [S. l.]: Exame, 14 abr. 2021. Disponível em: <https://exame.com/tecnologia/no-pre-covid-brasil-tinha-12-mi-de-familias-sem-acesso-a-internet-em-casa/>. Acesso em: 29 set. 2021.

LATORRE, Marino. **Historia de las web, 1.0, 2.0, 3.0 y 4.0.** Universidad Marcelino Champagnat, Surco, p. 1-8, 2 out. 2021.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura.** 1. ed. São Paulo: Editora 34, 1999.

MIGUEL, Rettenmaier; VAGNER, Ebert. **Cultura e leitura: Homo zappiens, um leitor ubíquo.** Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Literatura e Crítica Literária da PUC-SP, São Paulo, n. 18, p. 78-97, 2 out. 2021.

MARCON, Karina. **Inclusão e exclusão digital em contextos de pandemia: que educação estamos praticando e para quem?.** Criar Educação, Criciúma, v. 9, n. 2, p. 80-102, 2020.

MORAIS, Gleison. **Refletindo inclusão digital no ensino superior em tempos de pandemia: ações que transformam exclusão na inclusão do ensino remoto emergencial.** XIV Congresso Internacional de Linguagem e Tecnologia Online, [S. l.], p. 1-8, 2 out. 2021.

POLICARPO, Clayton; SANTAELLA, Lucia. **A estética do conhecimento nas redes digitais.** Dialogia, São Paulo, n. 28, p. 29-46, 2 out. 2021.

SANTAELLA, Lucia. **Desafios da ubiquidade para a educação.** Revista Ensino Superior Unicamp, Campinas, p. 19-28, 2013.

SANTAELLA, Lucia. **O leitor ubíquo e suas consequências para a educação.** Coleção Agrinho, Paraná, p. 27-44, 2014.

TENENTE, Luiza. **30% dos domicílios no Brasil não têm acesso à internet; veja números que mostram dificuldades no ensino à distância.** G1, 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2020/05/26/66percent-dos-brasileiros-de-9-a-17-anos-nao-acessam-a-internet-em-casa-veja-numeros-que-mostram-dificuldades-no-ensino-a-distancia.ghtml>. Acesso em 29 set. 2021.